

## REVOLUÇÃO, LUTA DE CLASSES E EDUCAÇÃO.

Maria de Fátima Rodrigues Pereira

É onde termina a especulação, isto é na vida real, que começa a ciência real, positiva, a expressão da actividade prática, do processo de desenvolvimento prático dos homens (K. Marx & F. Engels, 1974, p. 27).

É no calor das grandes manifestações na Inglaterra contra o desemprego, o pagamento de taxas nas escolas e universidades públicas; na Islândia contra o pagamento da dívida externa; na Grécia contra a diminuição dos salários e do aumento de anos de trabalho para as aposentadorias; na Alemanha contra a instalação e manutenção das usinas nucleares; na França contra o recuo dos direitos sociais e o aumento dos anos de trabalho; em Portugal contra a espoliação social levada a cabo em nome do capital, que ironia, por um de governo dito socialista, e que tem levado às ruas de Lisboa trabalhadores que se intitulam *precários inflexíveis, geração à rasca*; na Itália contra um governo corrupto; na África e América Latina contra o controle da distribuição de água por empresas europeias; no Brasil contra as condições de trabalho nos canteiros das hidroelétricas; quando o mundo está possuído por um sentimento de tragédia natural, surpresa e estarrecimento face às consequências de radiação nuclear com o terremoto de 11 de março no Japão, seguindo de onda gigante, que a Revista *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* trás a lume seu quatro número dedicado a *Revolução, Luta de Classes e Educação*.

Nestes tempos de: 1 perda de direitos sociais; 2 falta de trabalho; 3 exacerbamento de extração de mais valia relativa e absoluta em jornadas semelhantes às do século XVIII; 4 extorsão pelos bancos do pagamento das dívidas contraídas pelos governos de plantão e seus receituários neoliberais; 5 de ataques sem precedentes à natureza e aos direitos dos trabalhadores; 6 dos aparatos conciliadores e repressivos dos governos burgueses com suas ideologias de democracia e cidadania; 8 também, e, sobretudo, de uma onda de resistência que se alastra pelo mundo, é necessário afiar os instrumentos de análise, de maneira que enquanto classe trabalhadora façamos o enfrentamento e superação da contra – revolução em curso levada a cabo pelo capital.

Já em 1848, quando se fechava o tempo em que a burguesia tinha revolucionado, sobre os escombros do Ancien Regime, o modo de produção da vida, Marx e Engels diziam no Manifesto o que até hoje só está mais evidente: “*A sociedade burguesa, com suas relações de produção e de troca, o regime burguês de propriedade, a sociedade burguesa moderna, que conjurou gigantescos meios de produção e de troca, assemelha-se ao feiticeiro, que não pode controlar os poderes infernais que invocou*” (MARX E ENGELS, 1998, P. 45).

A revolução é trabalho dos proletários, da *classe operária nascida da fábrica*, de que Engels nos fala, em 1844, na *Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, quando já estavam explícitos, com o movimento cartista, os conflitos entre o capital e o trabalho, que o capitalismo promovia pobreza. “No começo,

empenham-se na luta operários isolados, mais tarde, operários de uma mesma fábrica, finalmente operários de um mesmo ramo de indústria, de uma localidade, contra o burguês que os explora diretamente” (IDEM, P. 47).

Desde lá, do tempo do Manifesto até hoje, com a expansão a todo o mundo das relações de produção capitalistas, complexidade da divisão social do trabalho a heterogeneidade da classe trabalhadora não cessou, antes aumentou.

A classe trabalhadora é, hoje, mais do que o *operário da fábrica*, compreende aqueles que mesmo que detenham meios de produção fazem seu trabalho material nas minas, na agricultura, nas fábricas, mas também aqueles que fazem trabalho não material, nas escolas, nas empresas de telemarketing, que trabalham com os meios de comunicação, no comércio com salários e direitos sociais reconhecidos ou não. A classe trabalhadora são todos os homens produtores de mais – valia.

O atual modo de existência, que se caracteriza pela produção de mercadorias, só é possível porque conta com quantidade de trabalho socialmente necessário à produção de valores de uso e valores de troca.

A produção de mercadorias, no modo de existência capitalista, portanto, para a venda, é atravessada por uma contradição existencial: o produtor não é o dono da produção.

Os produtos, as mercadorias, pertencem ao capitalista, que ganha com a mais-valia, advinda da diferença entre o valor do produto e o valor do capital envolvido no processo de produção.

O valor do capital é constituído pelo capital constante, correspondente ao valor despendido em meios de produção e o valor variável à compra do trabalho assalariado. Os meios de produção são esgotados no processo de produção e seus valores reaparecerão no produto.

A força de trabalho também é consumida no processo de produção, mas o consumo da força de trabalho é o próprio trabalho. Como este último possui a dupla característica de ser, ao mesmo tempo, trabalho abstrato e trabalho útil na produção de mercadorias, o valor do trabalho tem, também, um duplo caráter: a força de trabalho possui tanto valor de uso de ser capaz de criar valores de uso (trabalho útil) quanto o valor de uso de ser capaz de criar valor (trabalho abstrato).

É este último que interessa ao capitalista, pois, o valor produzido quando a força de trabalho é consumida é um novo valor, e os trabalhadores são empregados, devido apenas à expectativa de que esse novo valor seja maior do que o valor da força de trabalho.

A posse dos meios de produção e os resultados dos frutos do trabalho são usufruídos de forma diferente pelos donos do capital e do trabalho, pouco para estes e muito para aqueles.

É, então, característica do modo de produção capitalista essa tensão entre a produção cada vez em maior escala e as relações de produção aprisionadas aos interesses de acumulação de lucro pela extração de mais valia.

A história desse modo de existência, atravessado por conflitos que se manifestam nas lutas entre o trabalho e o capital, é a história das lutas de classe entre o capital e o trabalho.

Até hoje a história do atual modo de existência tem sido a administração de tensões dos conflitos entre o capital e trabalho, a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção que se manifestam em crises.

Ou seja: o modo de existência tem como característica a contradição e a crise que pode manifestar-se na conjuntura e na estrutura a ponto de comprometer a sua continuidade. Até hoje, o resultado da administração das crises tem sido favorável à manutenção deste modo de existência.

Mas as crises têm-se mostrado cada vez maiores e mais amplas porque as relações capitalistas subsumem a tudo e a todos. O diagnóstico e os remédios ao mal que acomete o modo de existência, a crise atual, têm-se pautado pela manutenção das atuais relações de produção.

Administradas pelos governos de plantão e seus assessores, as tentativas de solução têm sido liberais com base na oferta e demanda das mercadorias, da produção e o consumo, da acumulação do lucro e regulação para menos, dos salários – daí a defesa da flexibilização nas relações de trabalho, do controle da educação e da ciência em níveis que interessam ao capital – derramando possibilidades de consumo, baixando impostos, mandando cheques por correio, regulando e freando o apetite do capital financeiro, enfim promovendo por dentro dos aparelhos dos governos um assalto aos fundos públicos acumulados na divisão social do trabalho e agora postos ao serviço gigantesco da conservação, da reestruturação deste modo de existência perdulário, devastador da natureza e da vida humana, promotor da desesperança e da barbárie, da contra-revolução.

Entretanto, os diagnósticos e correspondentes remédios, atualmente ministrados para curarem a crise, são a prova prática da inverdade da própria tese e prática econômica que conduziu à atual crise, a lei do *laissez-faire*, de que o mercado é soberano e governa bem os homens, leiam-se os interesses de acumulação de capital governam bem o mundo. Os remédios para evitar a morte, ou superação do atual modo de existência se caracterizam pela intervenção coercitiva, exploratória em grau extremo que faz a classe trabalhadora adoecer, morrer em canteiros a céu aberto, ou fechados, morrer lentamente com doses homeopáticas da indústria química cada dia mais rica e controladora.

À **heterogeneidade**, da classe trabalhadora característica já apontada por Marx Engels no século XIX, junta-se hoje a **precariedade** acentuada a cada crise de acumulação do capital, nas relações de trabalho, no modo de vida da classe trabalhadora, manifestação concreta do **caráter destrutivo** do modo de produção capitalista. Harry Braverman em sua obra *Trabalho e capital monopolista*, de 1974, já apontava, o que lhe mereceu críticas pelos pós-modernos, a tendência do capitalismo a **degradar o trabalho** e, portanto, **a expandir o controle do capital** sobre o trabalho. Para os socialistas que lutam pela superação deste modo de existência, porém, a atual crise revitaliza os princípios fundados na teoria marxista. Os próprios intelectuais orgânicos da burguesia voltaram a se informar a respeito das teses formuladas por Marx, Engels, Lênin, Gramsci, Goldman, Mészáros. Para os socialistas, trata-se de **desvelar** em todas as áreas da vida humana a contradição que está posta e engendramos o mundo de homens livres e emancipados, o que impõe trabalho e luta, **revolução adquire, assim, caráter de centralidade**.

Para a classe trabalhadora não há outro projeto histórico que não seja romper os grilhões que amarram a existência humana ao revolucionar as relações de produção da vida, emancipar a todos os homens. “O proletariado a camada mais baixa da sociedade atual, não pode erguer-se, por-se de pé, sem fazer saltar todos os estratos superpostos que constituem a sociedade atual” (MARX, ENGELS, 1998, p. 50).

E, neste processo o que cabe à educação em geral e à educação escolar em particular?

A compreensão que “tendo a burguesia sido em primeiro lugar revolucionária, tornando-se depois conservadora e finalmente contra-revolucionária, a sua direção da produção do Estado, bem como a sua justiça, a sua ciência, e as suas belas – artes, foram úteis e progressivas no início, e em seguida degeneraram” (MARX e ENGELS, 1976, p. 11) nos remete a considerar que a ciência, as artes, a cultura, elementos importantes na formação de gerações também são atravessadas pela contradição que opõe trabalho e capital, saber e trabalho. “Este antagonismo entre a riqueza que não trabalha e a pobreza que trabalha para viver faz surgir por sua vez uma contradição ao nível da ciência: o saber e o trabalho separando - se, opondo-se o primeiro ao trabalho, como capital ou como artigo de rico” (Idem, p.).

O caráter de espoliação e de exclusão dos bens culturais expressa-se, também, com característica de precariedade na educação em geral, feita, sobretudo, pelos meios de comunicação de massa ao serviço do capital e na grande maioria das escolas públicas. A escola que os filhos das classes populares frequentam é uma escola que cresce para menos (FRIGOTTO, 2009, p. 20).

“Considerando que ‘toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica’ cabe entender a educação como instrumento de luta. Luta para estabelecer uma nova relação de hegemonia que permita constituir um novo bloco histórico sob a direção da classe fundamental dominada da sociedade capitalista – o proletariado. Mas o proletariado não pode se erigir em força hegemônica sem a elevação do nível cultural das massas. Destaca - se aqui a importância fundamental da educação” (SAVIANI, 2002, p. 3).

À revolução, tarefa inadiável da classe trabalhadora é necessária a posse dos meios de produção, da ciência, das artes. A educação escolar e não escolar interessa à classe trabalhadora, sem ela não poderá erguer a “República do Trabalho”.

Neste número vol. 3, n 1, compõem a *Seção Debates* três textos: *Escola e Luta de Classes na concepção marxista* de Nereide Saviani; *Onde estão os homens livres?* de Máuri de Carvalho e *Educação, Luta de Classes e Revolução* de Edmundo Dias.

Os três intelectuais da classe trabalhadora, de perspectivas marxistas, tratam da relação revolução, luta de classes e educação. Nereide costura, polemicamente, a revolução e a luta de classes por dentro da escola unitária; Mauri considera revolução no enfrentamento com as ideologias pequeno burguesas e o reformismo; Edmundo compreendendo hegemonia enquanto construção de sociabilidades, lembra-nos que processo educativo-revolucionário requer de todos aqueles que o pretendem a preparação dos intelectuais, o conhecimento das nossas sociedades, que revolução é o clímax desse processo educativo da luta de classes, é o momento em que a hegemonia se realiza.

Na *Seção Artigos* contamos com a colaboração de Guilherme Gil; Carlos Serrano; João Carlos da Silva; Dalva Medeiros e Osmar Martins; Irene Viparelli/ traduzida por Edmundo Dias, Artur Bispo Santos Neto. Une os escritos destes autores a questão da ideologia, da formação de consciência revolucionária, a necessária leitura dos clássicos do marxismo para a instrumentalização de visões críticas das relações entre educação e revolução.

Na *Seção Entrevista* a partir de um roteiro organizado por Celi Taffarel, Maria de Fátima Rodrigues Pereira e Elza Peixoto, comparece Newton Duarte se posicionando ao dizer: que está posta a possibilidade de superação do atual modo de existência face às condições objetivas de construção de uma cultura universal; que esse passo à frente implica *ações nessa direção*; que contrariamente a alguns marxistas que partem de uma leitura reducionista e equivocada da categoria de trabalho em Marx, trabalho educativo é trabalho; *que a educação escolar, também polemizando, é importante na luta pelo socialismo*. Colocando-se ao lado de Saviani, e na defesa da pedagogia histórico-crítica, Newton Duarte não reconhece senão diferenças pontuais dos governos FHC e Lula, no seio da matriz das pedagogias do aprender a aprender; que a teoria do capital social e a defesa da educação popular em oposição aos conhecimentos universais é um recuo conservador; defende, polemizando com intelectuais como Freitas, a centralidade da educação escolar e a transmissão do conhecimento na luta em direção à sociedade comunista.

Na *Seção Resenhas*, Allan Kenji Seki apresenta-nos a obra de Karl Marx: *Sobre o Suicídio*, importante texto de 1846, no qual o autor se debruça sobre “um fenômeno que facilmente poderia passar distante de nossas análises sobre os conflitos entre as relações sociais de produção e o desenvolvimento das forças produtivas, ficando marginalizado às hipóteses psicodinâmicas – que, com todo o prazer, cumpririam e cumprem seu papel explicativo e justificador, sempre dispostas a apontar para o sujeito e encontrar algo de errado em suas “mentes” ou em seu “caráter””.

Na *Seção Documento* apresentamos: *Glosas Críticas Marginais ao Artigo: “O Rei da Prússia e a Reforma Social”*. De um Prussiano. Marx, neste trabalho de 1844, polemiza com Ruge e se reporta, pela primeira vez, à necessidade da revolução socialista.

Compõem a seção Teses e Dissertações, duas teses e três dissertações: da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a tese de Fernando Martins, - *Ocupação da escola: uma categoria em construção*; da Universidade Federal Fluminense a tese de Edison Riutiro Oyama com o título: *Lenin, educação e revolução na construção da República dos Soviéticos*; ; da Universidade Estadual de Campinas a dissertação de Caio Antunes, - *Trabalho, alienação e emancipação: a educação em Mészáros*; da Universidade de Sorocaba a dissertação de Marcilene Rosa Leandro Moura intitulada: *Reformas educacionais, protagonismo juvenil e grêmios estudantis: a produção do indivíduo resiliente*; da Universidade Federal de Santa Catarina a dissertação de David Romão Teixeira, - *A necessidade histórica da cultura corporal: possibilidades emancipatórias em áreas de reforma agrária - MST/Bahia*.

Por fim, reafirma-se com este número da *Germinal* o princípio do marxismo enquanto teoria social e de conhecimento de que não há neutralidade nas ações humanas. Neste sentido, apresentamos a

necessidade de consideramos a centralidade da revolução e as contribuições da educação para luta da classe trabalhadora. Profícua leitura a todos!

***Referências:***

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista*. A degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A universidade Tecnológica face ao projeto de nação e educação In: FAGUNDES, Edson Domingues, LUZ, Nanci Atancki da (Orgs.). *Universidade Tecnológica, política educacional e organização dos trabalhadores*. Curitiba: SINDUTF, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *Crítica da Educação e do Ensino*. Introdução e notas de Roger Dangeville. Lisboa: Editora Moraes, 1978.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Manifesto comunista**. Organização e introdução Osvaldo Coggiola. São Paulo: Boitempo, 1998.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. Campinas: Autores Associados, 2002.